



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LUDMILLA MARTINS GOMES DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DA GUINÉ-BISSAU
NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (1960- 2012)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2017**

LUDMILLA MARTINS GOMES DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DA GUINÉ-BISSAU
NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (1960- 2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso, como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Humanidades, na Unilab- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Fernandes

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

LUDMILLA MARTINS GOMES DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DA GUINÉ-BISSAU
NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (1960- 2012)**

Trabalho de Conclusão de Curso, como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Humanidades, na Unilab - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras.

DATA DE APROVAÇÃO: 31/ 07/ 2017

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.º Dr.º Leonardo Fernandes Nascimento

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Examinador: Prof.º Dr.º Ismael Tcham

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Examinador: Prof.º Dr.º Bruno José Rodrigues Durães

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo Baiano

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	7
3	PROBLEMA DE PESQUISA	10
4	JUSTIFICATIVA	11
5	OBJETIVOS	12
5.1	GERAL	12
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
6	METODOLOGIA	13
	REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país localizado na Costa Ocidental do Continente Africano. Historicamente a Guiné-Bissau foi uma das ex-colônias portuguesa em África, sendo hoje parte integrante dos PALOP's (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa). O país organizou-se politicamente com a criação do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) por Amílcar Cabral, guineense de origem cabo verdiana. A luta pela libertação ocorreu durante pelo menos onze anos, embora o país tenha conquistado sua independência no dia 24 de setembro de 1973, o seu reconhecimento por Portugal ocorreu apenas em 10 de setembro de 1974. O pós- independência foi marcada por alguns problemas políticos, como por exemplo, a Guerra Civil de 1998 e os Golpes de Estado.

Os contatos entre Brasil e Guiné-Bissau ocorreram em 1973 embora o Brasil não tenha reconhecido a independência de Guiné-Bissau, fato que ocorreu somente no ano seguinte. Sendo essas umas das poucas relações diplomáticas, já que a diplomacia entre os países é algo mais recente, tanto que houve dificuldades em encontrar referências bibliográficas voltadas para as relações diplomáticas Brasil e Guiné-Bissau, havendo assim, referências que abordam as relações entre Brasil e África, sendo algo muito amplo. Dessa forma, a relação entre os dois países ocorreu através da educação intermediada pela literatura. Paulo Freire em 1975 foi convidado pelo Presidente guineense Luís Cabral para contribuir com o Programa Nacional de Alfabetização da Guiné-Bissau, foi a partir desse encontro que houve uma reaproximação dos países, buscando mecanismos para a reconstrução da Guiné-Bissau após o período colonial português. “As experiências não se transplantam, se reinventam” (FREIRE, 1978: 12).

Ao longo dos 43 anos de reconhecimento pelo Brasil da Guiné-Bissau ocorreram alguns contatos diplomáticos que foram descritos através da mídia jornalística brasileira. As matérias costumam falar de temáticas voltadas para a política, como por exemplo, a luta pela libertação do país, a conquista da independência e cooperações entre Brasil-Guiné-Bissau. Com base nas matérias já lidas, pude notar que há um *apogeu* na década de 1970, exatamente nos anos de 1973 e 1974 (período em que Guiné-Bissau declara sua independência e têm o reconhecimento por parte de Portugal), sendo assim, a maior parte dessas matérias retratam

ambos os temas, abordando desde a conquista do território como pela participação ativa da população guineense e portuguesa. Há também outro segmento que é importante frisar, é que o vínculo com Portugal não foi rompido após a independência, a questão jornalística ainda era produzido por Lisboa. Posto isso é notório a frente interlocutora de Portugal muitas vezes nas matérias, sendo assim, o nome de Lisboa aparece frequentemente nos inícios das matérias que relatam sobre a Guiné-Bissau, por exemplo, quando há o nome de Portugal envolvido nas matérias, os combatentes da luta pela libertação são tratados como “rebeldes”, quando não tem o nome de Portugal citado, os combatentes são chamados de guerrilheiros. Isso está relacionado com a estrutura social e a estrutura discursiva dos produtores e da mídia, fazendo o prevalencimento do olhar pejorativo sobre a Guiné-Bissau. “(...) o abuso de poder só pode se manifestar na língua onde existe a possibilidade de variação ou escolha, tal como chamar uma mesma pessoa de “terrorista” ou de “lutador pela liberdade”, dependendo da posição e da ideologia do falante.” (DIJK, 2015: 13).

A mídia¹ constitui um veículo para a obtenção de informações e de transmissão de conhecimentos. Entende-se nesse projeto que o conhecimento sobre a realidade ocorre para além da escolarização, ou seja, “(...) uma ação pedagógica múltipla na sociedade, em que o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal, criando formas de educação paralela (...)” (LIBÂNEO, 2001: 05). Desse modo, permitindo que haja uma educação baseada na interação humana, entre o produtor do discurso jornalístico para com os (as) leitores (as) do jornal, dispondo construções de significados, a partir desse conhecimento da realidade transmitida. De acordo com o interacionismo simbólico, os relacionamentos humanos são constituídos pelos significados socialmente construídos, neste sentido eu assumo as seguintes premissas:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhe oferece (...) A segunda premissa consiste no fato de os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas (...) A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1969: 119).

1 Conjunto dos meios de comunicação de massa (jornal, rádio, televisão, etc.). (Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2004: 496).

Assim o veículo midiático torna-se uma ferramenta tripla, a) promovendo a construção de significados; b) conduzindo o processo interpretativo que controla e forma as ações dos sujeitos no seu convívio social e; c) intermediando conteúdos hegemônicos e/ou ideológicos. Como ressalta Célia Magalhães, o discurso é uma prática tanto de representação, como de significação, sendo assim, constituindo e construindo as identidades e relações sociais e os sistemas predominantes como a ideologia², a hegemonia³ e as crenças⁴. (MAGALHÃES, 2001:17). Neste sentido, nas sociedades contemporâneas, podemos perceber que a mídia ocupa um papel preponderante na construção social dos significados, “(...) a mídia é hoje a principal fonte de conhecimento e opinião na sociedade (...)” (DIJK, 2015: 144).

Se a mídia é uma ferramenta que impera fortemente nas sociedades contribuindo fortemente para as representações e o modo de agir e pensar do indivíduo⁵, o presente projeto se propõe a analisar o modo como a Guiné-Bissau foi descrita, adjetivada, etc. na mídia impressa brasileira, uma vez que o Brasil conhece pouco sobre África e seus países e, quando chega a conhecer, isso ocorre de forma pejorativa, estereotipada e/ou negativa. O presente projeto visa, com esta empreitada, contribuir também para o uso de softwares para análise qualitativa em pesquisas e demonstrar como tais softwares possibilitam ter um domínio sobre grandes bases de dados, facilitando e otimizando o tempo do (a) pesquisador (a) e fomentando a conciliação entre pesquisas qualitativas e quantitativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente projeto considera importante ponderarmos sobre como a mídia, um veículo tão presente no nosso dia-a-dia tem um grande poder e domínio sobre a sociedade através da produção de discursos sobre as mais variadas temáticas encontradas nas matérias jornalísticas.

2 Conjunto de ideias, crenças, tradições, princípios e mitos, sustentados por um indivíduo ou grupo social. (Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2004: 396).

3 Poder dominador de uma cidade, país, povo, etc. Sobre outros. (Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2004: 385).

4 Fato de acreditar-se numa coisa ou pessoa. (Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2004: 200).

5 “A imprensa introduz, sem dúvida, deslocamentos poderosos nos hábitos de leitura e com isso provoca poderosas modificações na conformação, no modo e na maneira como o homem capta e interpreta o mundo exterior”. (WEBER, 2005: 20).

Através dessa perspectiva, o discurso midiático constitui uma maneira de transmissão de ideologias, de crenças, de culturas, fundamentando-se nas práticas sociais. Nesse sentido Michel Foucault argumenta que o discurso é uma produção controlada e organizada, dessa forma, que nem todos os sujeitos têm acesso e que essa produção conspira a dominação pelo uso do poder, que está associado em grande parte com o desejo: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. (FOUCAULT, 1996: 10). Por conseguinte, Foucault vai discorrer sobre como o discurso é imposto na sociedade e como ele pode gerar exclusões, separações e/ou interdições (FOUCAULT, 1996: 09-10).

Uma característica fundamental do discurso midiático é o modo silencioso como ele age: “Estamos tão imersos no discurso midiático que, muitas vezes, nem percebemos a extensão de sua presença”. (MIGUEL, 2004: 07). Mais isso não quer dizer que o discurso midiático não tenha outro meio de atingir a sociedade, até porque a mídia utiliza recursos textuais e visuais para prender a atenção de leitores para seus propósitos, uma das temáticas mais recorrentes e que faz uma interação com o receptor (a) é a política. Luis Felipe Miguel expõe quatro extensões que marcam a prática política na mídia: 1- a mídia sendo um meio de contato entre a política e os sujeitos; 2- o discurso político que se adaptou aos meios midiáticos; 3- a produção da agenda pública, sendo o momento em que se tem o privado versus público; e 4- a gestão da visibilidade que permite a atuação do capital político (MIGUEL, 2004: 8-9). Fairclough também ressalta a questão entre o público e privado,

A mídia tem um importante papel hegemônico não só em reproduzir, mas também em reestruturar a relação entre os domínios público e privado, e a tendência que eu identifiquei aqui envolve a fragmentação da distinção, de modo que a vida pública e a privada são reduzidas a um modelo de ação e motivação individual, e de relatos baseadas em presumida experiência popular da vida privada. Isto é realizado largamente pela reestruturação dentro da ordem de discurso de relações entre a 'fala popular' e vários outros tipos de discurso público. (FAIRCLOUGH, 2001:147).

Toda essa construção midiática faz-se um cenário tão real ao ponto de que seus leitores acreditem nos conteúdos e na realidade por ela transmitida, sendo que a sua produção é realizada por agentes que não são da mesma realidade de grande parte da população, sendo assim, criando um paradoxo entre as realidades. Como ressalta o autor Norman Fairclough:

Os jornais tendem a oferecer versões da verdade as vezes opostas (embora frequentemente harmonizadoras), cada uma das quais se baseia na reivindicação

implícita e indefensável de que os eventos podem ser representados transparente e categoricamente e que perspectiva pode ser universalizada. Esse mito sustenta o trabalho ideológico da mídia, que oferece imagens e categorias para a realidade; posiciona e molda os sujeitos sociais e contribui principalmente para o controle e a reprodução social. (FAIRCLOUGH, 2001:202).

Reafirmando, a partir da “Sociologia da Imprensa” de Weber, que ressalta a importância dessa análise do paralelo, do jornal para a vida real/ história, ou seja, “Teremos que estudar o estilo do jornal, isto é, os modos em que os mesmos problemas são discutidos dentro e fora do jornal, a aparente inibição dos jornais com tudo que é emocional, o que, por outro lado, constitui uma e outra vez a base de sua própria existência, e outras questões parecidas. ” (WEBER, 2005: 20). Dessa maneira, a população na maior parte das vezes não consegue se questionar sobre essa “realidade” transmitida, devido a visão de senso comum que é imposto para nós desde o nascimento, desta forma, essa visão torna-se uma automatização das ideologias, provocando uma naturalização da mesma (MAGALHÃES, 2001: 18), dessa forma, podemos ressaltar outro fator que favorece essa inquietude social, o fato do jornal ser um monólogo, ou seja, o jornal apresenta uma comunicação que não se espera questionamentos dos receptores.

Um pressuposto importante do presente projeto é a ideia de que o discurso jornalístico e o poder estão profundamente entrelaçados (FOUCAULT, 2012; DIJK, 2015). Ou seja, através do conteúdo das matérias de jornal está relacionado com a produção de hegemonias, ideologias e crenças dos mais diversos tipos. Neste sentido, a análise jornalística nos dá acesso direto ao modo como o poder se exerce e está disseminado nas sociedades:

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a 'doença mental', a 'cidadania' ou o 'letramento') de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos ou pacientes), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso. (FAIRCLOUGH; 2001: 22).

Consequentemente esses discursos ideológicos estão presentes no jornal, desta maneira, as matérias analisadas nesse projeto na maior parte das vezes pode conter um caráter político, Foucault mostra que certos temas são aguardantes nos dias atuais, como por exemplo, a temática que envolve a sexualidade e a política. (FOUCAULT, 1996). Dessa forma, seja a matéria relacionada diretamente com as ações políticas e com os agentes políticos, quanto indiretamente com as questões de desigualdade social, sendo esses alguns dos tipos de representações que a mídia reproduz, podemos citar alguns dos temas mais recorrentes nas

matérias analisadas, como por exemplo, a Independência do país, o seu partido político PAIGC, a luta de libertação (anos de 1970 á 1974- sendo esse período o apogeu de matérias), a cooperação entre Brasil e Guiné-Bissau que ocorre logo no período da década de 1980 e por fim sobre os ataques e conflitos que começaram a ocorrer em Bissau (capital do país) no ano de 1998 correspondente a Guerra Civil.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) vai para além da análise do poder ideológico e hegemônico nos diversos discursos, ele consiste também de uma prática social que envolve a linguagem. Posto isso, Fairclough aborda a linguagem como um elemento crucial para a construção do discurso, e mostra como o modo de utilização e transmissão dela diz muito sobre a condição social e cultural do indivíduo. Sendo assim, a interpretação de um elemento é que faz o discurso ganhar significado, mais esse ‘significado’ também varia de acordo ao acesso da linguagem. “A interpretação é um processo ativo em que os sentidos a que se chegou dependem dos recursos usados e da posição social do (a) interprete, e só ignorando esse processo dinâmico é que se podem construir textos que simplesmente produzam efeitos ideológicos sobre um recipiente passivo.” (FAIRCLOUGH, 2001: 50). Outra tensão que a ACD traz é a diversidade de discursos que se adequaram nas práticas sociais, como por exemplo, discurso médico no caso de uma consulta, um discurso feminista em um movimento social pela causa, dentre outros, a autora busca fundamentação, “(...) nos estudos de Foucault, o conceito também é usado para se referir aos modos de diferentes de se estruturarem áreas de conhecimento e prática social, como por exemplo, o discurso médico, o discurso feminista, etc. (...)”. (MAGALHÃES, 2001: 17).

Concluo dizendo que podemos perceber o quão marcante é essa questão do discurso e de como ele impera na sociedade global, dessa maneira usando o veículo midiático (jornal) como mecanismo interlocutor entre as produções das realidades e as realidades das sociedades, sendo assim, pretende-se propor um diálogo e/ou um confronto com as matérias jornalísticas a partir das leituras sobre o panorama histórico da Guiné-Bissau.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante das informações dadas na introdução sobre a motivação de realizar esse projeto, e debates feitos com alguns teóricos acima citados, a principal inquietação desta pesquisa surge

na perspectiva de analisar e na tentativa de entender: Como a Guiné-Bissau foi retratada pelo jornal O Estado de São Paulo?

Depois delimitar o período, escolhendo a década de 1960 até o ano de 2012, essa delimitação pela escolha do período ocorreu pelo estopim de matéria que se deve nesse período principalmente as décadas iniciais que são recorrentes a luta pela libertação e pela independência da Guiné-Bissau.

Dessa forma, a questão produz outros questionamentos como, por exemplo: Como e por quem essas produções jornalísticas são feitas? Quem é que nos transmite esse “conhecimento” jornalístico? Será que há uma coletividade e diversidade nessas produções jornalísticas? Será que os produtores têm conhecimento sobre a Guiné-Bissau? Como é utilizado o discurso para transmitir as informações sobre o país? Qual é a tipologia desses discursos utilizados?

4 JUSTIFICATIVA

Essa inquietação acerca da representação da Guiné-Bissau aconteceu a partir do momento em que me deparar com um novo convívio social em um meio acadêmico totalmente diferente do que se tem em outras instituições públicas no Brasil e do que eu mesma imaginava. Dessa forma, a escolha pelo país Guiné-Bissau se deu através da universidade ser de integração com os países da CPLP, a maior parte das (os) discentes africanas (os) serem da Guiné-Bissau e por ser o primeiro contato com os países lusófonos. Também se deu por ser a nacionalidade de maior aproximação desde o momento do meu ingresso na universidade e pelo que vivenciei e vivencio com os amigos guineenses, assim, surgiu o interesse de analisar o que nos foi informado através da mídia impressa (jornal) sobre este país, visto que, no Brasil sabe-se pouco sobre a África e quando se informa na maior parte das vezes é de forma pejorativa e/ou negativa. Por meio desse contato pude aprender e conhecer muitas coisas que foram tiradas na escolarização básica, podendo assim então conhecer culturas, histórias e foi através desse dado momento que o questionamento de: Como e Porque as vidas passadas foram tiradas do conhecimento de seus descendentes? Porque a representação da cultura africana não foi ensinada? Porque negativam tudo e todos que é de África? A partir, desses questionamentos pessoais e sociais, surgiram as inquietações acadêmicas, por exemplo, como são essas representações de África nos livros? Como são essas representações na mídia? Como são essas representações nos jornais brasileiros?

O período escolhido foi pelo fato de haver um *apogeu* de matérias nas décadas de 1960 e 1970 (período em que houve o fim da luta pela libertação e a conquista pela independência de Guiné-Bissau), e também por ter um fluxo contínuo após essas duas décadas devido aos momentos políticos que o país passou pós-independência até a atualidade, como por exemplo, a Guerra Civil de 1998 momentos marcante para a população guineense e os Golpes de Estados que ocorreram por algumas vezes, oficializando assim uma sucessão de não conclusão de mandatos presidenciais. E a escolha pelo jornal O Estado de São Paulo, foi por ser um dos maiores jornais que circulam no território brasileiro, sendo assim, abrangido por muitas cidades e sociedades.

Espera-se que esse projeto de pesquisa possa contribuir para a sociedade civil, acadêmica e as produtoras midiáticas, como por exemplo, com a conscientização e aguçando o senso crítico para a sociedade civil ao se deparar com as matérias jornalísticas e perceber o teor daquele veículo; para a sociedade acadêmica ao se confrontar com as novas tecnologias, com as metodologias e com o meio de comunicação (o discurso e/ou a linguagem) para assim conciliar essas técnicas para as pesquisas futuras, e para as produtoras midiáticas se conscientizarem e refletir sobre as ideologias, hegemonias, crenças que são transmitidas nas suas produções, porque na maior parte das vezes elas se tornam predominante no controle social e mental dos receptores e da sociedade como um todo.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo analisar como o veículo midiático o jornal O Estado de São Paulo, representa o país Guiné-Bissau do período da década de 1960 até o ano de 2012, a partir das imagens e discursos apresentados nas matérias jornalísticas e quais são as maneiras que esses discursos são transmitidos para os leitores brasileiros. Especificadamente, a análise será feita a partir da análise crítica do discurso (ACD) das matérias jornalísticas sobre Guiné-Bissau. Sendo assim, o presente projeto traz como objeto de estudo as matérias do jornal O Estado de São Paulo, são matérias desde a década de 1960 até o ano de 2012, busca-se analisar maneiras de como as diferentes matérias descrevem a Guiné-Bissau a partir das entrevistas, reportagens, colunas, etc. Uma das hipóteses é que entre

essas representações exista uma prevalência de discursos e imagens estereotipados, pejorativos e negativos. E para finalizar o projeto visa despertar o senso crítico e proporcionar novos horizontes como o uso das tecnologias, ou seja, as pesquisas tendo a disposição do uso de softwares, gerando assim uma otimização de métodos e tempo para os (as) pesquisadores (as) e as suas pesquisas.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar as matérias a partir do uso de software, como por exemplo, o *Atlas.ti*, com a criação de categorias a partir da *Grounded Theory* (teoria fundamentada) para executar as leituras das matérias no software;
- b) Propor uma criticidade para confrontar com os discursos disseminados pelos veículos jornalísticos (discurso e o poder);
- c) Demonstrar um novo olhar para além do modo jornalístico, voltado para um panorama histórico, cultural e científico do país Guiné-Bissau.

6 METODOLOGIA

Para a realização desse projeto de pesquisa primeiramente realizamos uma ampla coleta de dados, com um total de 1.495 matérias que aparecesse ao menos uma vez a palavra Guiné-Bissau, foram coletadas através do software *webscraping* em *Python*, a partir do respectivo acervo digital (<http://acervo.estadao.com.br/>) do jornal O Estado de São Paulo. A análise qualitativa das matérias está sendo baseada na *Grounded Theory* (teoria fundamentada nos dados), que é uma teoria criada por Anselm Strauss e Juliet Corbin na qual define que essa teoria é executada a partir da análise dos dados estudados por meio das pesquisas, a partir da criação de categorias/ codificação, ou seja, “O que Strauss e Corbin querem dizer quando usam o termo "teoria fundamentada"? Eles querem dizer teoria que foi derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa. ” (CORBIN; STRAUSS, 2008: 25). Kathy Charmaz também usa a definição da teoria fundamentada e traz consigo os métodos utilizados:

Os métodos da teoria fundamentada favorecem a percepção dos dados sob uma nova perspectiva e a exploração das ideias sobre os dados por meio de uma redação

analítica já na fase inicial. Ao adotar os métodos da teoria fundamentada, você poderá conduzir, controlar e organizar a sua coleta de dados e, além disso, construir uma análise original dos seus dados.” (CHARMAZ, 2006: 15).

Efetuamos algumas amostragens (uma técnica de separação de uma quantidade de matérias para definir categorias a serem utilizadas no total das matérias), utilizando o software *Atlas.ti* (software de análise qualitativa) para realizar as leituras permitindo lidar com maior facilidade com o objeto de estudo e com a criação das codificações. Essa metodologia permite fazer as leituras dentro do software *Atlas.ti* e trabalhar com a criação de categorias/codificação (que são palavras/tópicos que se repetem com frequência nos dados analisados, demarcando assim as informações são concedidas pelos próprios dados). Dessa forma, o primeiro passo no *Atlas.ti* foi a criação de uma UH (unidade hermenêutica) para armazenar as matérias, separá-las por períodos, podendo assim então realizar as leituras das matérias e fazer as criações das categorias, e é a partir, dessas categorias definidas, que se consegue ampliar a leitura para os demais dados, sendo assim, podendo haver a criação de teorias sobre o objeto estudado, ou seja, as categorias não são criadas antes das análises, ela é criada no decorrer das análises, sendo assim, o objeto que lhe fornece informações, ao contrário de ter informações e buscá-las confirma-las ou nega-las. “A codificação é o elo fundamental entre a coleta dos dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente para explicar esses dados. Pela codificação, você *define* o que ocorre nos dados e começa a debater-se com o que isso significa.” (CHARMAZ, 2015: 70).

A partir de algumas amostragens e de leituras realizadas criei algumas codificações que irão se ampliar para as demais matérias e que podem ser flexíveis gerando assim mais categorias. Exemplos de categorias: a luta pela libertação, demonstrando que na maioria das matérias da década de 1960 aborda essa temática, que declina pra subcategorias como, conquista de território, participação da população guineense etc.; na década de 1970 a temática é voltada para a independência com subcategorias morte do líder Amílcar Cabral, declaração pela independência, reconhecimento pela independência, etc.; já na década de 1980 o país começa a ganhar um caráter internacional e então a temática passa a ser as cooperações principalmente com o Brasil, as subcategorias são relacionadas a educação, saúde, agricultura, etc.; na década de 1990 a temática é voltada para o próprio país com as primeiras eleições e o ápice se dá em 1998 com a Guerra Civil, com as subcategorias morte, armamento, fome, etc.; e na década dos anos 2000 as temáticas são drogas, doenças e religiões, as

subcategorias são narcoestado, AIDS, islamismo, evangelho e catolicismo. Todas essas categorias e subcategorias foram criadas a partir das leituras de algumas matérias que já foram analisadas.

Desse modo, estamos realizando as leituras das matérias coletadas no software citado acima e fazendo a utilização de algumas referências bibliográficas, como por exemplo, a análise crítica do discurso (ACD) e o panorama histórico da Guiné-Bissau para ser usada como uma base comparativa do que é escrito/ descrito na mídia impressa e com o que está sendo retratado nos livros. As referências bibliográficas sobre análise crítica do discurso permite-nos entender como lhe dá o abuso de poder e o controle mental e social por meio do discurso e a tipologia da linguagem que são utilizadas nos veículos midiáticos. Dijk, salienta que o discurso e o poder estão vinculados um com o outro, que o discurso muitas das vezes estão associados e produzidos por hegemonias, ideologias, crenças, fazendo com que haja abuso de poder, isso é perceptível em grande parte nas matérias jornalísticas, que pretendem disseminar algo para os sujeitos e para as sociedades, buscando assim um controle mental e social sobre os indivíduos, dessa maneira, “(...) o controle da mente é indireto, uma intencional, mas apenas possível e provável consequência do discurso. E uma vez que as ações de pessoas são controladas por suas mentes (...), o controle da mente também significa controle indireta da ação”. (DIJK, 2015: 18). Mostra também que a mídia impressa têm em grande parte discursos ideológicos e hegemônicos que são transmitidas através de algumas palavras ou orações que induzem um certo posicionamento ou visão exógeno de um grupo ou pessoa para com aquilo que está sendo transmitido e esta visão é acompanhada na maior parte das vezes por uma visão pré-concebida ou preconceituosa do sujeito falante, desse modo, o ouvinte muitas das vezes pode reproduzir essa visão que lhe foi passada sem fazer reflexão do conteúdo absorvido.

REFERÊNCIAS

- BLUMER, Herbert. **Interacionismo Simbólico: Perspectiva e Método**. Englewood Cliffs: Prentice- Hall, 1969.
- CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: um guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre : Artmed, 2009.
- DIJK, Teun A Van. **Discurso e Poder**. 2ª edição- São Paulo: Contexto, 2015.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso- Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 5ª edição- São Paulo: Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LIBANÊO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas- **Revista Educar**. Curitiba: Nº 17, pp. 153-176, 2001.
- MAGALHÃES, Célia Maria. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras- UFMG, 2001.
- MIGUEL, Luis Felipe. Dossiê Mídia e Política- **Revista Sociologia e Política**. Curitiba: Nº21, pp. 07-12, jun. de 2004.
- SILVA, Francisco Henrique; SANTOS, Mário Beja. **Da Guiné Portuguesa à Guiné-Bissau: Um roteiro**. 1ª edição- Porto: Fronteira do Caos, 2014.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa, técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed editora Sa doação, 2008.
- WEBER, Max. Sociologia da Imprensa- **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. Santa Catarina: Vol II, Nº 1, 1º semestre de 2005.